

Sara Lopes de Sene
Línlya Sachs

CARTAS DE ESCAPES **DE UMA ESCOLA DO CAMPO**



Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGMAT)
Campi Cornélio Procópio e Londrina

Sara Lopes de Sene
Línlya Sachs

Cartas de Escapes de uma escola do campo

Escape Letters
from a Rural School

Londrina
2022



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

Cartas de Escapes de uma escola do campo

Produto educacional, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 12 de setembro de 2022.

Membros da banca examinadora:

Professora Doutora Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa
(orientadora) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Professora Doutora Luiza Gabriela Razêra de Souza - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR)

Professor Doutor Thiago Donda Rodrigues - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

APRESENTAÇÃO

Este livro, “Cartas de escapes de uma escola do campo”, faz parte de uma pesquisa desenvolvida no curso de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *campi* Cornélio Procopio e Londrina. Junto a ele, foi elaborada a dissertação intitulada “Padronização de currículo e escapes do professor de Matemática em uma escola do campo durante a pandemia de Covid-19”¹.

Nessa pesquisa, realizamos entrevistas com quatro professores de Matemática de uma escola do campo localizada no interior do estado do Paraná, abordando a padronização do currículo, em especial, durante a pandemia de Covid-19.

Concluimos, por um lado, que a imposição de um planejamento pedagógico padronizado e a obrigatoriedade de realização de aulas síncronas virtuais, mesmo que os estudantes não tivessem acesso a elas, com presença esporádica de pessoas externas à escola, caracterizaram um sistema de vigilância – típico da sociedade disciplinar; por outro lado, a utilização de plataformas virtuais para realização das aulas e registro das atividades desenvolvidas em aula implicou na percepção de sempre haver um observador virtual e disperso – típico da sociedade de controle².

Além dessas consequências diante do currículo padronizado, percebemos que o professor de Matemática também traça escapes, por meio de ações específicas para contornar a problemática por ele reconhecida no contexto dos estudantes dessa escola do campo, como a falta de acesso à internet, as dificuldades de comunicação e as dificuldades de aprendizagem com a utilização quase exclusiva de apostilas impressas. Em outras palavras, outras possibilidades de ser

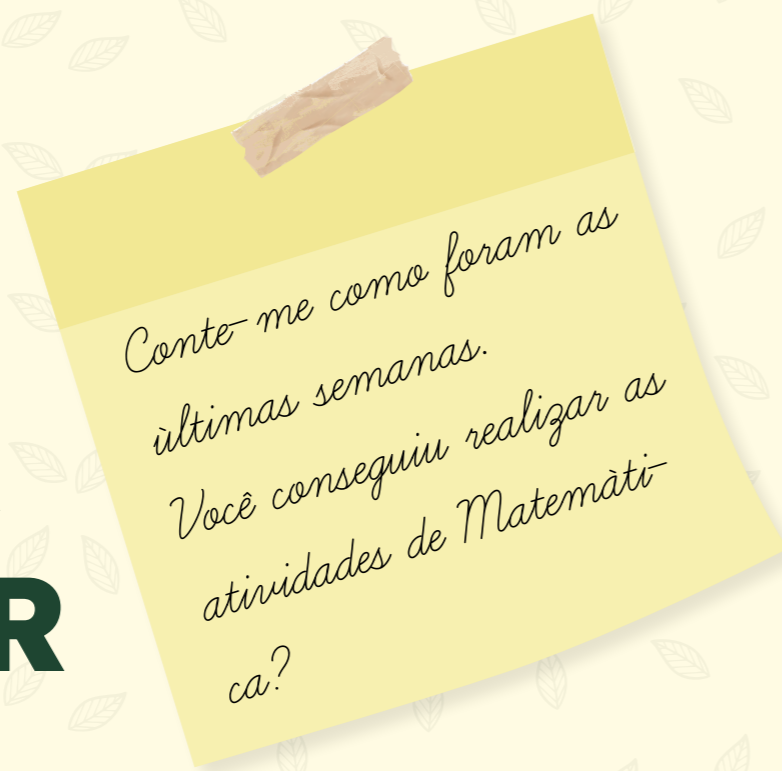
professor de Matemática são construídas e empreendidas. A partir dessa percepção, foi escrito este livro, que é constituído por cartas de uma professora fictícia a múltiplos destinatários, contando sua realidade em uma escola do campo em tempos de pandemia, apresentando como ela lida com as dificuldades relacionadas ao currículo e os escapes que traça em seu dia a dia. As situações vivenciadas pessoalmente e relatadas pelos participantes da pesquisa serviram de matéria-prima para a construção desses textos.

Convidamos você a ler essas cartas e mergulhar em uma realidade que, talvez, não seja a sua, mas que é mais comum do que se possa imaginar.

1 Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2119>.

2 Um aprofundamento na discussão teórica pode ser encontrado na dissertação. Em linhas gerais, destacamos a importância, para essa pesquisa, das teorizações de Michel Foucault e de Gilles Deleuze.

CARTA AO SENHOR DIRETOR



Meu querido diretor,

Era para ser um dia qualquer. Assim como todos os outros dias, saí de casa às 12h10, com destino à escola do campo, que dista 22 km de minha residência. Após 17 km de viagem, descemos de nosso carro e pegamos o ônibus escolar e viajamos por mais 5 km por estrada de chão. Mas aquele dia foi bem intenso, pois já se murmuravam boatos de uma pandemia e suspensão das aulas. Ao final do dia, chegou a notícia de que as aulas deveriam ser suspensas. Muitas dúvidas surgiram, tanto minhas como de todos que ali estavam. Os alunos, por um lado, felizes que ficariam em casa e os professores, por outro, aflitos por não saberem o que iria acontecer. Ficamos desesperados, sem informação e sem saber o que fazer. Na semana seguinte, o governador antecipou o recesso de julho. Ficamos duas semanas de recesso, mas as semanas passaram e o retorno não foi possível. As notícias a todos chegavam por grupo de WhatsApp e por e-mail, não havia outro tipo de comunicação – apenas em casos urgentes recebíamos alguma ligação. E, assim, conforme orientação recebida via WhatsApp, as atividades começaram a ser enviadas para os alunos. Os nossos alunos, filhos de agricultores, sem recurso algum para assistir a uma aula via internet, começaram a receber

atividades impressas a cada 15 dias. E você, diretor, organizou uma escala para que não houvesse aglomeração. A entrega de atividades era realizada na escola. A orientação que chegou era de que os professores deveriam enviar o material para a escola, a fim de ser entregue aos alunos. No entanto, isso durou apenas algumas semanas, pois recebemos outra orientação de que os alunos deveriam acompanhar os conteúdos que estavam sendo propostos nos canais de TV e YouTube, para todo o Paraná. Assim, as trilhas de aprendizagem começaram a ser enviadas aos alunos. Eles ficaram muito perdidos e nós, como professores, não sabíamos o que fazer. Do nada, as atividades foram alteradas, os conteúdos mudados, sem ao menos serem concluídos – aliás, concluídos de que forma, se nunca sabemos o que eles entenderam? As atividades de Matemática eram entregues em branco por grande parte dos alunos. Como entender sem o apoio do professor ou de alguém que possa ajudar? Lembro que os pais dos nossos alunos são, em sua maioria, analfabetos e não têm condições de ajudar seus filhos com essas atividades. Foi aí que eu tive a ideia de me comunicar com meus alunos por meio das atividades impressas. Como um bilhete mesmo! Sempre, ao final da atividade, eu deixava um espaço para que eles pudessem me contar como foram aquelas semanas, quais as maiores dificuldades que tiveram, como eles realizaram as atividades, em qual horário foram feitas e quais as maiores dúvidas. No entanto, muitos disseram que não estavam conseguindo acompanhar as atividades, não estavam entendendo o conteúdo e isso me deixava ainda mais sem saber o que fazer. Tentei explicar de várias formas o conteúdo, mas sei que não foi o suficiente, pois as atividades continuavam a vir sem respostas ou até mesmo vinham escritas coisas sem muito sentido para mim. A sugestão dada pela escola foi de enviar a maioria das questões apenas para marcar um X, assim não precisávamos de respostas mais longas. E foi assim que a maioria de nossos colegas e eu fizemos. Ao final do ano letivo, todos foram aprovados, mesmo sem saber nada ou quase nada. Será que valeu a pena o esforço?

CARTA AO PAI DE UMA ALUNA



*Meus avós queridos.
Amor eterno, Clara*

Sr. Pedro,

Espero encontrá-lo bem e com saúde, diante de tudo o que temos enfrentado, isso é o que realmente importa. Recebi seus bilhetes e peço desculpas pela demora em responder. Por aqui, também não tem sido fácil. Entendo a sua dificuldade em ajudar a Clara. Sei que você tem a melhor intenção, Sr. Pedro, mas, por favor, não brigue com ela. Você disse que a Clara não se sente motivada em fazer as tarefas da escola e, com isso, o senhor fica muito nervoso. Saiba, Sr. Pedro, que, quando nos sentimos pressionados, a vontade é de não fazer nada. Eu mesma sinto isso muitas vezes na minha vida. Minha sugestão é que você tente incentivá-la a fazer as atividades. Diga a ela que pode me enviar as dúvidas que tiver em matemática. No fim da apostila, há um espaço em branco para ela escrever o que quiser. Vou ler com muito carinho e atenção. Imagino que a Clara esteja muito abalada por ter perdido a avó e o avô pela Covid-19. Essa doença é terrível mesmo. Eu também perdi uma tia muito querida e não consigo acreditar no que aconteceu. Pelo que você me contou, talvez a Clara precise de uma ajuda profissional, de um psicólogo para ajudá-la a superar essa dor. Isso é muito importante também para que ela acompanhe os estudos. Entendo o seu questionamento, quando diz que ela não está aprendendo nada, mas não é somente ela, todos os alunos estão assim, ninguém tem conseguido compreender de forma adequada. Será que só nós que percebemos isso, Sr. Pedro? Acredito que não, mas quem decide o que deve ser feito na educação parece não querer aceitar que o ensino remoto não deu certo, muito menos nas escolas do campo.

CARTA AO PROFESSOR MILTON



Caro Milton,

Relembro, como se fosse hoje, em meio ao caos que estávamos vivenciando, os estudos deram uma desacelerada, nosso contato já não era mais possível, o que se via eram apenas atividades e muitas dúvidas. Lembra, Milton? Nossa casa se tornou um ambiente de trabalho, já não era mais possível ser apenas para descanso, lembro de você me dizendo que não tinha computador em casa, que usava apenas na escola e morrendo de vergonha de pedir emprestado. Ainda bem que tudo se resolveu e a escola emprestou a você um notebook. Só que você ainda me disse que seus dados móveis acabam muito rápido e iria precisar de um plano. Foi o que você fez: contratou um pacote de internet para que pudesse realizar suas atividades da escola em casa. E, assim, nossas vidas se transformaram do dia para a noite. Como foi difícil esse tempo que passamos... Como conseguir entender a forma que o ensino passou a ter? Até porque não vivenciei em toda a minha vida nada igual a isso. Olha, Milton, esse tempo de pandemia foi muito difícil, foi possível perceber a diferença social existente em nosso meio. Os recursos tecnológicos cada dia mais avançados não eram para todos – e você que o diga, né? Eu precisei entender de tudo sem ao menos saber de nada (ou quase nada) de tecnologia. E você, Milton, como sofreu com tudo isso! Ainda passo horas tentando entender como foi que tudo isso acabou com a nossa paz, com a nossa tranquilidade. Nós viramos programadores, youtubers, influenciadores, sem muitas vezes saber o real significado de cada palavra. Mas isso só era possível quando o professor tinha internet em casa. Com a rapidez que a pandemia se propagou, muitos não conseguiram se organizar em casa e tiveram muita dificuldade para se adaptar. Lembra, Milton, quando você me perguntou o que era Classroom? Nem eu, nem você conseguia responder. Foi até engraçado, mas, na verdade, era desesperador, era tudo tão novo, tão diferente do nosso dia a dia. A nossa escola do campo ficou cada vez mais distante de tudo, não pude conhecer meus alunos novos e tampouco dividir com eles as aflições que estávamos vivenciando. Foi um tempo de aprendizado muito difícil, pois faltaram recursos materiais e até mesmo letramento no uso da tecnologia. Mas, enfim, Milton, me conte o que fez durante esse tempo de pandemia. Você precisou se reinventar?

Espero seu retorno.

Um abraço.

CARTA AO PROFESSOR DAVI



Querido Davi,

Como foi tudo tão difícil durante a pandemia. Até agora, não consigo entender se tudo o que fizemos, fizemos realmente pensando nos nossos estudantes ou se foi algo que precisamos fazer, devido às ordens que recebíamos. Mas sei, Davi, que você tentou se reinventar, não é mesmo? Lembro bem de você, quando me disse que foi um tempo de muitas adaptações. Em meio a tantas dificuldades que estávamos enfrentando, eis que surge de você uma ideia de tentar alcançar o máximo de estudantes possível, afinal, da forma como tudo estava sendo feito, não estava sendo nada fácil para os estudantes (nem para nós, professores). Depois de algumas semanas de aulas remotas, você resolveu que mudaria a forma como estavam sendo encaminhadas as atividades e que tudo seria por você **ADAPTADO**. E assim foi, pois foi a única forma de conseguir uma melhor interação entre aluno e professor. Antes das adaptações, as atividades de aula eram listas de exercícios para casa, só que sem um auxílio do professor. Isso era um mero cumprimento de carga horária. Nós, professores, enviávamos as atividades, porque precisava ser assim, se não, seríamos penalizados pelo não envio. E o aluno aprender, isso era apenas um detalhe? Vendo as dificuldades enfrentadas por nossos estudantes, Davi, você começou a **ADAPTAR** e, como você mesmo me contou, poderia ter começado antes. Com as adaptações, tudo foi melhorando na medida do possível. Os estudantes puderam entender pelo menos uma parte do que estava na lista de exercícios. No começo, você enviava muitas atividades para casa, para cumprir com o que estava planejado, e voltava tudo ou quase tudo sem fazer. Foi quando você resolveu adaptar o conteúdo e diminuir a quantidade de atividades. E, claro, né, eu ouvi a sua ideia e também comecei a fazer as adaptações. Durante esse período de adaptações, percebi que a maioria das atividades voltavam ao menos com 50% concluídas e isso me fez ter a certeza de que realmente era necessário fazer adaptações. Aos poucos, fui notando que alguns conteúdos não poderiam ser entendidos como superados e precisei retomá-los, mesmo que o planejamento padronizado pelo governo não fosse esse. Davi, a nossa escola é uma escola do campo e o que estava sendo feito era uma padronização para todas as escolas do estado, sem respeitar o que há de específico nas escolas do campo. Essas adaptações foram necessárias e foi assim que conseguimos concluir o ano letivo. Daquele jeito, né? Fico pensando: será que valeu a pena todo o esforço? Será que as adaptações que fizemos foram suficientes? O que você acha, Davi?

CARTA À PROFESSORA LIZ



Querida Liz,

Escrevo esta carta com saudades, ainda me recordo do dia em que recebi sua mensagem por WhatsApp, muito nervosa e em desespero. Na mensagem você dizia: *“estou aqui aos prantos, pois não sei como vou conseguir alcançar os objetivos propostos pela escola, pois não tenho nenhum contato com meus alunos. Na realidade, nunca usei meu telefone particular para trabalho e, agora, não sei bem o que fazer”*. Conversamos muito naquele dia e pensamos juntas em várias estratégias para alcançar os estudantes. Tentamos muitas delas. Todas sem sucesso. Lembra, Liz, da nossa frustração? Foi horrível. Nossos estudantes não têm smartphone para acessar a internet e, quando têm, não possuem dados móveis suficientes. E nós sempre soubemos disso, desde quando começamos a dar aula nessa escola do campo. Você se lembra que nem as Aulas Paraná, que diziam não precisar de dados móveis para acessar, os estudantes não conseguiam assistir? Será que os governantes mentiram e tentaram enganar toda a população? Nossos estudantes não tinham crédito de dados móveis. Eles são filhos de agricultores, que trabalham de dia para comer à noite, que não têm condições de colocar crédito no celular sempre. E, ainda, temos estudantes que moram muito longe, onde não pega nem mesmo telefone para deixar recado. Só conseguíamos nos comunicar com eles nos dias de entrega de atividades agendada pela escola. Era muito pouco. Liz, eu me lembro que você tentou de tudo. Além de todo esforço para que os estudantes aprendessem um pouco de História, você procurou motivá-los com frases ao final de suas atividades, chamando-os para seguir em frente. Em cada entrega de atividade, uma nova mensagem e uma palavra de carinho. E, olha, como foi importante para eles. Sempre vinham respostas com desabaços e pedidos de ajuda. Depois de tudo, Liz, percebemos o quanto o professor é importante para a aprendizagem. Não dá para pensar na educação sem a presença do professor. Agradeço a você por ser meu ombro amigo tantas vezes e também me fazer seguir em frente.

CARTA AO SENHOR CLASSROOM



Olá, Sr. Classroom!

Quem diria que você me daria tanto trabalho, hein? O que já estava difícil poderia ficar ainda mais e foi o que aconteceu depois que você foi colocado para nos vigiar. Depois de tantas dificuldades que nós professores estávamos passando, recebemos uma nova orientação: nossa frequência no trabalho estaria vinculada às nossas postagens no mural do Classroom. Disseram que o controle era feito por um robô e, em caso de esquecimento, o professor teria que justificar a “falta” para a secretaria da escola. A palavra final era do diretor. Eu me pergunto até hoje: isso ajudou na melhoria do ensino? Qual era a preocupação de nossos governantes com tudo isso? O mais importante era controlar se o professor estava fazendo as postagens ou era ele ensinar? Não sei, mas, para mim, o ensino passou longe de ser prioridade. Não sei se você notou, Sr. Classroom, mas os estudantes da minha escola nem viram a sua cara. Eu vi, e cansei de ver. Eles não tinham internet, computador, smartphone, nada disso. E, ainda, o que estava postado lá não tinha nada a ver com o que eles deveriam aprender. Cada escola tem seu ritmo, cada estudante também. Que ideia essa de achar que todo mundo tem que aprender a mesma coisa ao mesmo tempo! Não dá! A mensagem que se passava era que não deveria haver diferenciação de uma escola para outra, que os conteúdos deveriam ser os mesmos. Mas como começar novos conteúdos sem ao menos terminar o que estava em andamento? Como passar para o próximo tema, sem garantir o mínimo de aprendizagem dos estudantes? Como? Você não deve entender nada disso, você não sente o desespero de uma criança que não consegue aprender, de um professor que não consegue ensinar. Para você, nós somos números. Números e postagens, nada mais.

CARTA À PEDAGOGA KAROL

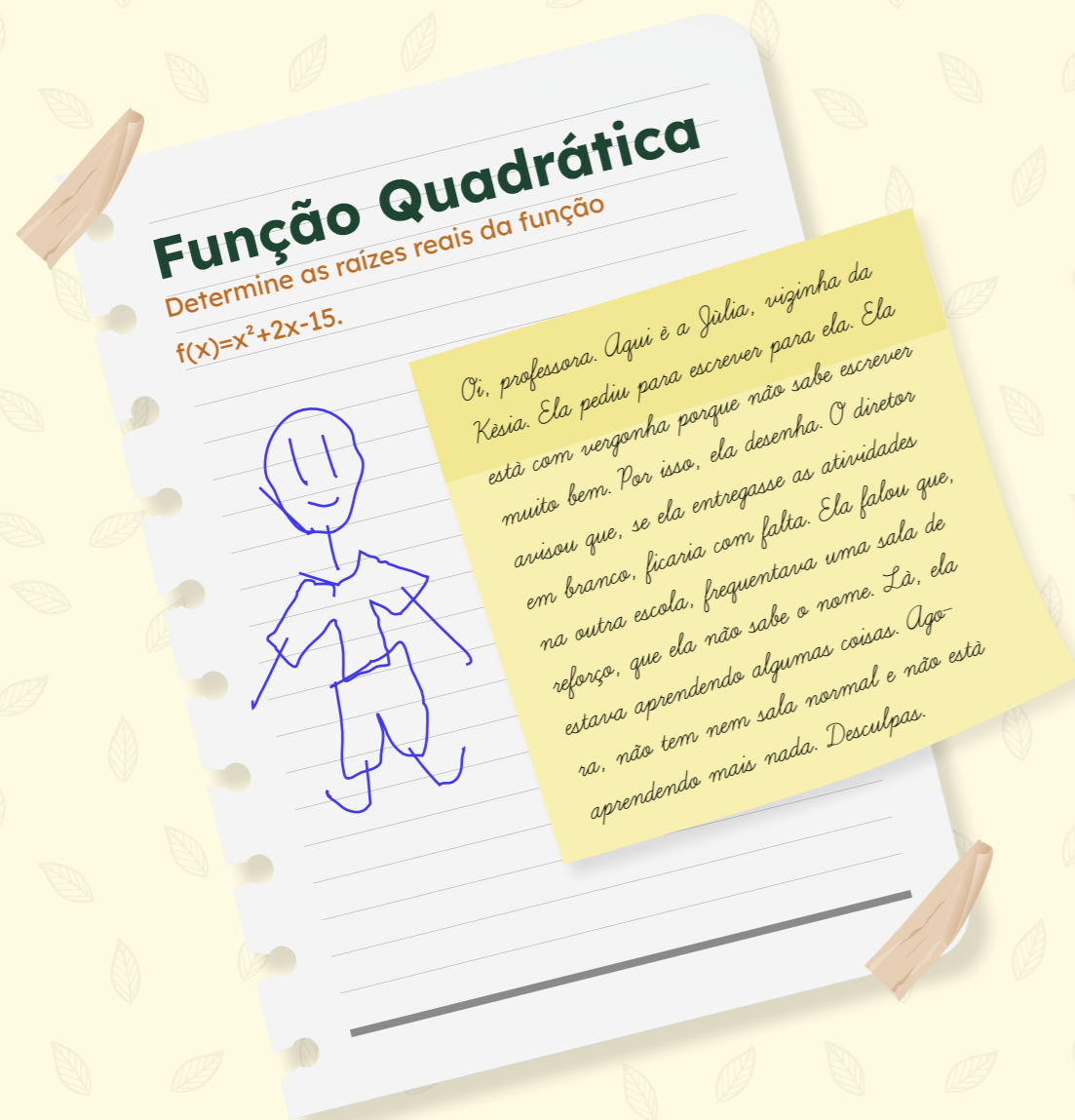


Olá, Karol.

Como você está? Faz tanto tempo que não nos vemos. Devido a essa pandemia, tudo ficou mais difícil. Tenho tanto para contar para você, que passaria horas aqui escrevendo. Sabe, gostaria muito de conversar com você sobre o estudante João Paulo do 9º ano. Você soube que as atividades dele não estavam voltando, né? A família buscou as primeiras atividades e, depois, parou de ir à escola. Eu sei que ele não entregou nenhuma das atividades do primeiro trimestre. Fiquei tão preocupada com tudo isso que estava acontecendo que já não sabia mais o que fazer. Sem entregar as atividades, além de ficar sem nota, ele ficaria também sem frequência nas aulas de Matemática. Seria reprovação na certa. Como a família dele não tem telefone, resolvi ir presencialmente à casa dele. O João Paulo era tão dedicado aos estudos que procurei tentar entender o que estava acontecendo. Como sabia onde morava uma tia dele, fui até lá e perguntei o endereço. Claro que tomei todos os cuidados: passei álcool nas mãos e utilizei uma máscara PFF2. No caminho para a casa dele, quase me arrependi da decisão. Ele mora muito distante da escola, são estradas de difícil acesso e, depois de

quase duas horas de estrada de terra e muito pó, lá no pé de uma serra, avistei uma casa muito simples e de chão batido. É lá que moram o João Paulo, seus pais e outros dois irmãos mais novos. Quando cheguei, fui recebida com surpresa pela Dona Ana, que é a mãe dele. Ela é uma agricultora, analfabeta e muito amável. Depois de sentir na pele a distância entre a escola e a casa, entendi por que não estavam buscando as atividades. Expliquei para ela que precisávamos dar um jeito na situação e ela mesma me disse que há uma casa, mais ou menos próxima dali, onde mora outro aluno nosso, o Fabiano, do 6º ano. Pelo que me lembro, a família dele tem conseguido buscar as atividades, então combinei de sempre entregarmos juntas as atividades do João Paulo e do Fabiano. Avisei o diretor e assim ficou combinado. E, naquele dia, eu levei as atividades para entregar em mãos e poder explicar para o João Paulo um pouco do conteúdo, já que ele estava há meses sem estudar Matemática. Afinal, eu já estava ali mesmo. Ele, com aquele jeito tímido que você conhece bem, escutou minhas explicações e disse que tentaria fazer todas as atividades. Acontece que essas atividades nunca voltaram. A família do Fabiano sempre levava as atividades da escola para ele, mas nunca traziam para que pudéssemos analisar o que ele fez ou não fez. Um certo dia, a tia de João Paulo, foi à minha casa com um recado da Dona Ana, que dizia que o filho não sabia fazer as atividades e pedindo desculpas por não poder ajudá-lo. Aquilo me cortou o coração, Karol. Resolvi voltar lá na casa dele, mesmo sendo tão longe. Ele me recebeu com tanta alegria, disse que sabia que eu não o abandonaria. Passei toda a tarde com ele, fizemos exercícios, expliquei novos temas e ele foi tirando as dúvidas que surgiram. Depois disso, ele começou a fazer as atividades que entregávamos. Você viu que já faz dois meses que ele tem enviado as atividades feitas? E quase sem erros! Dá uma alegria de ver. Mas uma coisa que não sai da minha cabeça é essa sensação de abandono que ele teve. Eu também tenho, todos os dias. Precisei fazer um esforço enorme, além de usar meu próprio dinheiro, para ir à casa de um aluno duas vezes. Valeu a pena, sempre vale. Mas fico pensando: está certo? Cadê o estado que deveria atuar e dar condições para que os alunos aprendam? Por que nós, professores, pedagogos, coordenadores, diretores, temos que nos desdobrar para fazer nosso trabalho, que é garantir o acesso à educação a todos, enquanto não recebemos nenhum apoio do governo? E, ainda, quantos outros alunos estão completamente abandonados? Ai, Karol, desculpe tanta reclamação, mas gosto tanto de conversar com você, ouvir o que você tem a dizer, que precisei fazer esse desabafo. Quando puder, diga-me o que você acha sobre isso tudo. Há alguma solução, Karol? Grande abraço, na esperança de dias melhores.

CARTA À PROFESSORA ELIANE



Querida Eliane,

Escrevo esta carta para saber como você está, saber como têm sido os dias de trabalho em casa. Não deve estar sendo fácil com as crianças, né? Por aqui, estamos fazendo o possível e o impossível, mas as crianças não param e eu preciso trabalhar! Quero muito contar a você a respeito de uma aluna, a Késia, da 1ª série do Ensino Médio. Ela também é sua aluna? Acredita que eu estava recebendo as atividades dela todas com desenhos ao invés de resolução dos exercícios? Até mesmo nas questões objetivas, em que bastava marcar um X na resposta correta, ela fazia desenhos. Eu não entendia se era uma atitude de rebeldia dela ou não. Por que os desenhos? Foram três remessas de atividades do mesmo jeito. Então, eu encaminhei um recado, pedindo para ela escrever a razão de fazer desenhos nos espaços em branco do material. Veja a resposta que recebi: *“Oi, professora. Aqui é a Júlia, vizinha da Késia. Ela pediu para escrever para ela. Ela está com vergonha porque não sabe escrever muito bem. Por isso, ela desenha. O diretor avisou que, se ela entregasse as atividades em branco, ficaria com falta. Ela falou que, na outra escola, frequentava uma sala de reforço, que ela não sabe o nome. Lá, ela estava aprendendo algumas coisas. Agora, não tem nem sala normal e não está aprendendo mais nada. Desculpas”*. Eliane, como me doeu ler essa resposta. A Késia tinha acabado de entrar na nossa escola e, logo depois, veio a pandemia. Nem deu tempo de sabermos que ela não estava alfabetizada. Que falha! Avisei o diretor sobre a situação e ele entrou em contato com a diretora da antiga escola, que contou das dificuldades que a Késia tem na aprendizagem. A partir de então, ela foi matriculada na Sala de Recursos Multifuncionais e nós fomos orientados a propor atividades adaptadas para ela. Mesmo assim, não tive muito sucesso. Ela não conseguiu resolver corretamente nenhuma atividade enviada por mim, mas tem tentado fazer algo. Parece que, ao menos, consegue ler e escrever, com muitos erros ainda, mas consegue. No fim do ano, ela acabou sendo aprovada pelo Conselho de Classe e seguiu para a 2ª série. Não sei o que pensar. Reprovar também não é a solução. Que situação complexa, não? O que ficou com tudo isso, Eliane, foi perceber a nossa impotência diante de certas situações. Nesse caso, parecia que eu não tinha muito a fazer. Você passou por algo parecido? Agora, o novo ano vai começar, ainda sem aula presencial, porque a pandemia continua matando muita gente. O que podemos fazer para que esse ano seja melhor, Eliane?

CARTA DE UM GRITO DE SOCORRO



Senhor representante, a Educação do Campo pede socorro. O professor pede socorro. Os estudantes estão exaustos de listas de atividades. Eles pedem socorro. Que atividade é essa que não é ativa? Eles não conseguem sequer entender a forma de resolver, sem acesso a nada, eles se sentem desafiados a entender sozinhos, mas isso se tornou impossível. Gostaria muito de saber: o que você pensa sobre tudo isso? O que você espera com toda essa padronização no ensino? Eu não consigo entender. Só escuto falar em índices. Eu não quero saber de índice, quero saber se os estudantes estão aprendendo. Por isso, nós gritamos por socorro. Socorro em busca de uma educação mais igualitária. Como você bem sabe, muito melhor do que eu, todos têm direito à educação, está escrito na Constituição. Nós precisamos fazer valer nossos direitos que foram esquecidos. Muitos estudantes estão se formando sem ter o mínimo do conhecimento necessário. Você já parou para pensar a respeito disso, senhor representante? Mas os índices estão ótimos! Já escutei você falar sobre isso muitas vezes. Até me pergunto se você e eu moramos no mesmo lugar. O que penso é que tudo isso está acontecendo porque nós, professores, não somos ouvidos, os estudantes não são ouvidos. Nós só temos que obedecer às regras (caso contrário, sentiremos as retaliações). Nunca ninguém me perguntou o que eu achava do ensino remoto, se estava funcionando ou não, se os estudantes estavam aprendendo, se os conteúdos planejados (e padronizados) eram adequados para eles. Será que a opinião do professor não importa? A Educação grita por socorro e, enquanto o socorro não vem, nós vamos fazendo o que é possível. Mas o que é possível? Quase nada.

CARTA AO GOOGLE MEET



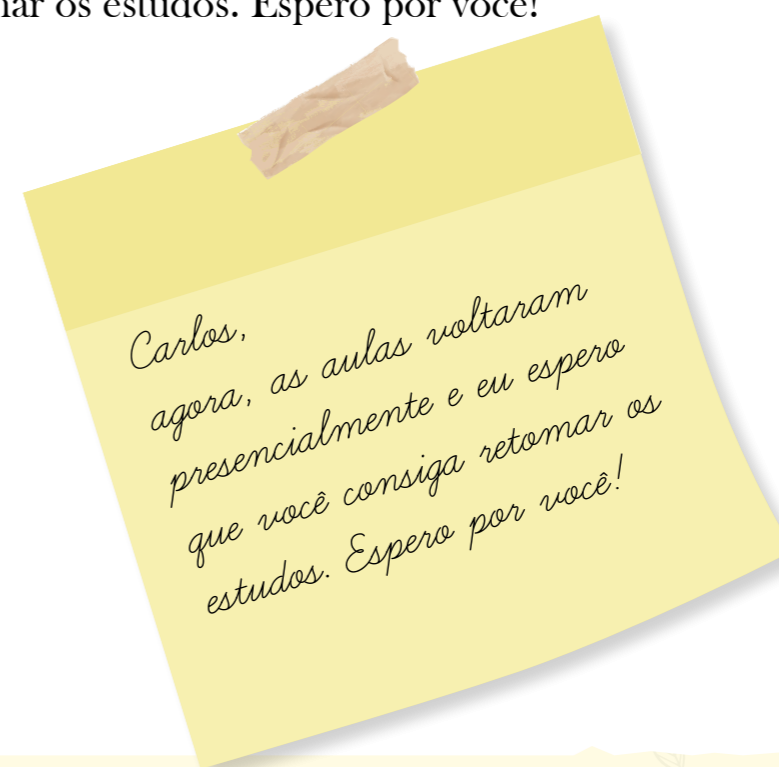
Senhor Meet,
Gostaria de lembrá-lo com saudades, mas, realmente, não é dessa forma que você passou por aqui. Disseram que você ajudaria os professores a ter um melhor contato com os alunos, mas, aqui na minha escola, Sr. Meet, não foi o que aconteceu. Eu gostaria de contar a você que trabalho em uma escola do campo, meus alunos não têm internet, nem computador, e nós, professores, estamos sendo obrigado a utilizar o Google Meet. Sabe, Sr. Meet, pode ser que, em alguma escola, tenha dado certo de usar essa ferramenta, mas aqui não. Nós fomos obrigados a ficar em casa com o Google Meet ligado, mesmo sem ter alunos, durante os primeiros trinta minutos da aula, e ainda com a câmera ligada. Foi muito constrangedor tudo isso, porque não tinha razão de ser. Nenhum aluno na sala. Você entendeu? Alguns colegas deixaram a câmera ligada mas tamparam com um papel, para não mostrar as suas casas. O que você acha de tudo isso? Você acredita que o simples fato de abrirmos uma sala no Google Meet faz com que o aluno adquiria conhecimento? Seria mágico! Todos sabiam que, na escola do campo, essa regra era inviável e inútil. Mesmo assim, fomos obrigados a fazer isso. Eu me lembro da falta que recebi por não conseguir acessar a reunião no horário da minha aula, porque eu estava sem internet. Ainda assim, o diretor da minha escola pediu para protocolar uma justificativa. Foi muito constrangedor, Sr. Meet. Aliás, gostaria muito de perguntar a você quem eram aquelas pessoas que esporadicamente entravam em nossas reuniões sem serem convidadas. Gostaria muito que me contasse, pois éramos obrigados a postar o link da aula no mural do Google Classroom e, com isso, tínhamos visitas inesperadas, que entravam mudas e saíam caladas. Elas deviam pensar que não fazíamos nada, mas também nunca perguntaram por que não tinha aluno na sala. Como foi difícil esse tempo. E nós, professores, desprovidos de informação, apenas imposição. Espero que você, Sr. Meet, me diga: o que pensa de tudo isso? Valeu a pena tanto controle dos professores?

CARTA AO ESTUDANTE CARLOS EDUARDO

Olá, Carlos Eduardo!

Escrevo com saudades depois de mais de um ano sem contato. Gostaria de saber como está. O que você tem feito durante esse tempo? Quais têm sido suas maiores dificuldades durante esse tempo de pandemia? Sabe, Carlos, tenho pensado em você sempre, um aluno sempre muito atento a tudo e sempre próximo aos professores. Agora, com a pandemia, estamos distantes. Fiquei muito preocupada com você quando recebi o seu recado. Nele, você me dizia que estava bem, mas muitas coisas tinham acontecido e fizeram com que você perdesse a vontade de viver. Você me escreveu: *“Esse tempo que passamos não foi fácil, você me entende, né, professora? Em meio a tantas dificuldades, perdi minha mãe para a Covid-19, e era ela que sempre nos apoiava em tudo. As tarefas diárias se acumularam. Não que eu não fizesse antes, sempre ajudei nos deveres de casa, mas, agora, como eu sou o irmão mais velho, tive que assumir várias tarefas de casa, inclusive cozinhar, lavar e organizar a casa. Meus irmãos me ajudam, mas eu me vejo na responsabilidade de estar à frente de tudo. Meu pai trabalha fora o dia todo, sai cedo e chega à noite. Ele não consegue trabalhar mais perto de casa,*

na redondeza não tem serviço. E com todas essas dificuldades e compromissos que tenho, acabou que esqueci um pouco a escola. Mas prometo, professora, que assim que eu conseguir me adaptar a essa nova forma de viver, vou retomar meus estudos, até porque quero muito me formar, ter uma profissão e poder ajudar meu pai e meus irmãos. Também, professora, queria dizer que não consegui resolver aquelas atividades de matemática que a professora enviou, nunca ouvi falar daquilo e aqui na minha casa não tenho como pesquisar. Por isso, devolvi tudo sem fazer, mas prometo que, quando tudo melhorar, vou tentar fazer as atividades que deixei em branco”. Após receber seu recado, Carlos, não pude me conter e as lágrimas rolaram. Percebi, naquele momento, que não somos nada e que, realmente, teríamos que cuidar de nossa saúde antes de tudo. E eu me refiro, também, à saúde mental. Fico pensando: o que posso fazer para que você fique um pouquinho feliz em receber minhas atividades, diante de tanta tristeza? Nada seria suficiente tendo em vista a perda de sua mãe tão querida. Mas me propus a tentar fazer algo diferente e escrever recados ao final de suas atividades para que você me respondesse em forma de carta tudo que ali estava se passando. E foi assim que aconteceu: a cada atividade recebida, um novo recado era deixado por você, Carlos. E você me contava sobre tudo que estava sentindo. Isso me deixava emocionada, sempre que recebia suas respostas. As atividades nem sempre estavam resolvidas, mas tudo bem. Algumas vezes, você me contava por que não tinha resolvido e qual era a sua dificuldade. Eu tentava responder por escrito e assim fomos seguindo. Agora, as aulas voltaram presencialmente e eu espero muito que você consiga retomar os estudos. Espero por você!



CARTA AO LEITOR



Caro leitor,

Gostaria de estar aí com você ao término da leitura dessas cartas. Embora elas sejam fictícias, não trazem mentiras. Você talvez já saiba disso: essas cartas contam a realidade vivenciada por professores e alunos de muitas escolas do campo (arrisco dizer que de quase todas). Mas gostaria muito de saber como elas afetaram você – se é que afetaram. Como não sei a sua resposta, fico imaginando que o que você leu (e, quem sabe, releu), de alguma forma, mexeu com algo aí dentro. Não sei se é possível ver o sofrimento de professores, de estudantes, de familiares e seguir como se nada tivesse acontecido. A pandemia, por si, foi (e ainda é) muito cruel. A educação não precisava ter piorado tudo. E, em muitos aspectos, piorou. Há uma música do Gilvan Santos que diz “educação do campo é direito e não esmola”. Você conhece? Penso que tudo tem o seu tempo. Espero que todos nós pensemos a respeito do que vem acontecendo com as escolas do campo e possamos fazer alguma coisa para mudar essa situação – para melhor, claro. O que você pode fazer para mudar? Já pensou sobre isso? Se tiver boas ideias, compartilhe-as comigo. Estaremos juntos nessa luta – mais uma, não é mesmo? Desejo sorte para nós!

